



**INSTITUTO DE HUMANIDADES – IH**  
**BACHARELADO EM HUMANIDADES – BHU**

**MOHAMED IBRAHIM DJASSI**

**ETNICIDADE E RELIGIÃO NA GUINÉ-BISSAU: UM OLHAR SOBRE AS  
DINÂMICAS DE AÇIONAMENTO DOS SIMBOLOS E NARRATIVAS  
RELIGIOSAS NA ETNIA BEAFADA**

**REDENÇÃO – CE**  
**2023**

**MOHAMED IBRAHIM DJASSI**

**ETNICIDADE E RELIGIÃO NA GUINÉ-BISSAU: UM OLHAR SOBRE AS  
DINÂMICAS DE AÇIONAMENTO DOS SIMBOLOS E NARRATIVAS  
RELIGIOSAS NA ETNIA BEAFADA**

Projeto do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC),  
apresentado ao Instituto de Humanidades, da Universidade de  
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
(UNILAB), como requisito para a obtenção do título de  
Bacharel em Humanidades, sob a orientação do Professor Dr.  
Itacir Marques da Luz.

**REDENÇÃO – CE  
2023**

## SUMÁRIO

<b>1. APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>4</b>
<b>2. JUSTIFICATIVA .....</b>	<b>6</b>
<b>3. DELIMITAÇÃO/PROBLEMA DE PESQUISA .....</b>	<b>7</b>
<b>4. OBJETIVOS .....</b>	<b>7</b>
<b>4.1 Objetivo Geral.....</b>	<b>7</b>
<b>4.2 Objetivos Específicos.....</b>	<b>7</b>
<b>5. HIPÓTESE.....</b>	<b>8</b>
<b>6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>8</b>
<b>6.1 RELIGIÃO TRADICIONAL AFRICANA E ISLÃ .....</b>	<b>8</b>
<b>6.2 ISLÃ: CONTEXTUALIZAÇÃO, CHEGADA E EXPANSÃO EM ÁFRICA .....</b>	<b>10</b>
<b>6.3 BEAFADAS: ISLAMIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA .....</b>	<b>14</b>
<b>7. METODOLOGIA.....</b>	<b>16</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>17</b>

## 1. APRESENTAÇÃO

No período anterior a invasão árabe (no século VII) e europeia, a África tem a sua própria civilização (crenças, modo de viver, cultura, tradição e costumes). Por meio delas, mediavam a relação o mundo físico e espiritual, justificando possibilidade e limites nas ações dos indivíduos na sociedade. No entanto, a invasão árabe e posteriormente muçulmana, provocaram alterações profundas nas estruturas sociais, passando a incluir os modos de vidas dos invasores sobretudo as religiões: Islâmica e Cristã.

O conceito de "tripla herança" foi proposto por Ali Mazrui, destacando essa herança em seu livro "The Africans: A Triple Heritage". Ele afirmou que existem três influências principais que moldaram as sociedades africanas, incluindo sua paisagem religiosa: culturas indígenas africanas, tradições islâmicas e colonialismo. A invasão árabe ao continente africano no século 7 da Era Comum fez os povos africanos converterem para o Islão e, a atual Guiné-Bissau como país africano também não escapou da islamização até o ponto de etnias como: Beafada, Fula, Mandinga, Balanta Mané, Saracule, Sosso e Nalu são vistas pela sociedade como etnias muçulmanas. Segundo Nóbrega (2003): Fulas, Mandingas, Beafadas, Nalús e Sossos são as principais etnias islamizadas na Guiné-Bissau. Também é importante ressaltar que “Entre a população das etnias Fula, Mandinga, Beafada, Nalu, Sosso e Saracule mais de 80% pratica a religião muçulmana, com valores relativamente elevados entre os Fulas (88%) e os Mandingas (86,9%)” (INE, 2009, p. 30).

Por ser um trabalho que aborda uma questão ligada com a Guiné-Bissau, é importante fazer uma contextualização desse país. A Guiné-Bissau é um país de África situado na costa ocidental do continente. Faz fronteira com a república vizinha de Senegal pelo Norte e com República de Guiné-Conacri pelo Sul e Leste. Tem uma área de 36.125 km<sup>2</sup> e uma população estimada em 2,061 milhões (Banco Mundial, 2021). O país está dividido em 8 regiões incluindo sector autónomo de Bissau, a saber: no polo Norte conta-se com Oio, Cacheu e Biombo; no Sul com Quinara, Tombali e Arquipélagos dos Bijagós; e, por fim, o polo Leste é composto por Bafata e Gabú.

**Figura 1: Mapa de Guiné-Bissau**



Fonte: [stenne.or](http://stenne.or)

De acordo com a constituição da República, no seu artigo 1º, o país é laico. Ou seja, o Estado não se identifica com nenhuma religião específica. Existem praticantes de religiões como: muçulmana, cristã entre outras crenças, por exemplo, religiões tradicionais africanas. De acordo com o Recenseamento Geral da População e Habitação (RGPH) de 2009, feito por Instituto Nacional de Estatística (INE): 45,1% da população guineense se consideram muçulmana; enquanto 22,1% se identificam como cristão e; 14,9% praticam “animismo”. Na Guiné-Bissau é comum escutar as pessoas das etnias como: Beafada, Fula, Mandinga, Balanta Mané, Saracule, Sosso e Nalu a serem relacionadas com a religião muçulmana, pois isso parece uma coisa natural ou cultural.

No entanto, a identificação da etnia dos praticantes das crenças aqui apresentadas, não deve ser encarada como algo subjacente objetivo e intransponível, porque é flexível e intrinsecamente contextual. Ou seja, apesar de maior preponderância dos muçulmanos de origem fula e mandinga, os membros desse grupo étnico praticam, também – ainda que seja com uma certa raridade, a espiritualidade africana e o cristianismo – e vice-versa. (Caomique, 2022, p.11).

O mosaico étnico da Guiné-Bissau está composto por mais de vinte (20) grupos étnicos; onde os seguintes grupos representam maior números de população: Fulas (28,5%); Balantas (22,5%) e Mandingas (14,7%); Papel (9,1%) e Manjaco (8,3%), (INE, 2009). Biafada é uma das etnias que compõem esse mosaico étnico guineense, sendo a região de Quinara, situada no sul do país, conhecida como terra dos biafadas na Guiné-Bissau.

Certamente que na Guiné-Bissau existem grupos étnicos que se identificam com uma determinada religião, mas isso não significa que necessariamente todo membro desse grupo étnico é obrigado a se identificar com essa religião até porque onde nasceu o islão, no médio oriente, nem todos esses povos são muçulmanos ou praticam islão.

## 2. JUSTIFICATIVA

A questão da identidade étnica e religiosa na Guiné-Bissau tem me deixado inquieto, pois ainda confundimos religiões com etnias. Desde a minha infância até quando deixei o meu país para estudar aqui no Brasil, minha mãe e suas irmãs sempre me perguntavam quando chegava sexta-feira: "Não vais rezar hoje?" Eu sempre respondia: "Eu não sou muçulmano". E elas perguntavam novamente: "Mas teu pai não é muçulmano?" Eu respondia: "Sim, mas eu não sou, porque não pratico a religião muçulmana. Rezar na sexta-feira é para os muçulmanos". Essas perguntas surgem porque meu pai é da etnia bafata e pratica a religião muçulmana e também por eu ter o nome de Mohamed Ibrahim Djassi, algo que, para muitas pessoas é um indicativo direto que eu sou um praticante da fé islâmica. De tal modo que, há um medo, sobretudo da minha mãe, para que a minha família paterna não venha a dizer que não sou muçulmano porque ela/s não me permite/m.

Outro motivo é que a maioria dos meus colegas e conhecidos de bairro, assim como de escola, também me conectam com a religião muçulmana por causa do meu nome, da mesma forma como ocorre com os colegas adquiridos na Unilab - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -. Mas tenho insistido em lhes dizer até agora que não sou muçulmano. Isso porque ter nome muçulmano não significa necessariamente ser muçulmano, mas sim ser praticante da religião.

O interesse por esta temática surgiu na disciplina de Estudos Africanos, do curso de Sociologia, ministrada pelo professor Dr. Luís Tomás, o qual sempre insistia em nos despertar a conhecer a nós mesmos, conhecer as nossas origens e histórias para podermos compreender a atualidade. Também insistia em dizer que quem não conhece a sua origem é como uma árvore sem raiz, qualquer vento pode lhe arrancar do seu lugar.

Além do aspecto pessoal, este trabalho também é motivado por dimensões acadêmica e social. Em primeiro lugar, constatamos, a partir das nossas pesquisas, que há poucos estudos e debates acadêmicos sobre o assunto, principalmente numa perspectiva crítica. Nesse sentido, essa investigação pode servir como suporte teórico para futuras pesquisas nas ciências humanas e até mesmo em outras áreas do conhecimento. Em relação ao âmbito social, esperamos que este trabalho ofereça uma grande contribuição dentro e fora da academia, especialmente para o

meu país, a Guiné-Bissau, e para a África em geral. A realização deste trabalho possibilitará uma reflexão crítica sobre identidade religiosa e étnica.

### **3. DELIMITAÇÃO/PROBLEMA DE PESQUISA**

Neste trabalho, vamos nos concentrar na relação entre a etnia biafada e a religião muçulmana. O grupo étnico biafada faz parte dos grupos que se identificam com o Islã, juntamente com os fulas, mandingas, sosso, saraculé, balanta mané e nalu.

Nosso objetivo é de buscar compreender como que se deu a relação entre a religião muçulmana e a etnia biafada até que hoje em dia na Guiné-Bissau parece que quem faz parte dessa etnia é naturalmente muçulmano. Queremos entender se ser da etnia biafada significa ser muçulmano. Ter um nome muçulmano significa ser muçulmano? Será que ser muçulmano é necessariamente ser de uma etnia que se identifica com o Islã? Por que a identidade religiosa muçulmana foi adotada pela etnia biafada? Será que o grupo étnico biafada tinha outra identidade religiosa antes do Islã? Caso afirmativo, será que ainda praticam essa religião ou a abandonaram? Se foi abandonada, foi por causa da nova identidade religiosa? Como ocorreu o processo de abandono de sua identidade religiosa em favor do Islã? Será que esse processo foi livre, pacífico ou violento?

Essas são questões importantes que exploraremos neste trabalho, visando compreender a complexa relação entre etnia e religião na Guiné-Bissau, com foco específico na etnia biafada e sua adesão à religião muçulmana.

## **4. OBJETIVOS**

### **4.1 Objetivo Geral**

- ✓ Analisar as dinâmicas de acionamento de símbolos e narrativas religiosas na etnia Biafada, considerando como a religião influencia a identidade étnica, as práticas culturais e as relações sociais na Guiné-Bissau.

### **4.2 Objetivos Específicos**

- ✓ Entender como o grupo étnico biafada passou a se identificar com a religião muçulmana.
- ✓ Identificar a relação entre a religião e outros aspectos da identidade étnica, como língua, tradições culturais e organização social.

- ✓ Examinar o contexto sociocultural da Guiné-Bissau a partir das dinâmicas religiosas e étnicas contemporâneas na região.

## 5. HIPÓTESE

**H<sup>1</sup>** - A relação entre o islã e a etnia Biafada se deu através de comércio com a islamização da África, na qual a Guiné-Bissau faz parte. Essa relação pode ser também motivada pela questão de poder e de privilegio em favor dos chefes de tabancas dos biafadas oferecidos pelos muçulmanos que chegaram nesses territórios.

## 6. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para fundamentar teoricamente essa proposta de investigação abordaremos a discussão conforme as seguintes sessões: a religião tradicional africana e islão; contextualização do Islão, sua chegada e expansão na África; o processo de islamização da etnia Biafada; e, por último, a organização sociocultural do grupo étnico Biafada.

### 6.1 RELIGIÃO TRADICIONAL AFRICANA E ISLÃ

A África é um continente grande com mais de 50 países e imensas diversidades culturais e crenças praticadas pelos seus povos, pois tem a sua própria religião, mas com a chegada do Islã essa religião sofreu modificações significativas e mesmo assim permanece até hoje. Essa religião é chamada de Religião Tradicional Africana e “estava (está) inextrincavelmente ligada à cultura africana. Era uma realidade presente em todos os setores” (OPOKU, 2010). De acordo Mendes (2021):

As religiões africanas ou também referidas como religiões indígenas africanas, é chamado assim porque são aquelas praticadas no continente africano, ou seja, englobam um conjunto de manifestações espirituais, culturais e religiosas originárias do continente africano (Mendes, 2021, p.12).

Pelo fato de existir vários povos na África e cada um deles tem a sua forma de cultura a “Deus” e praticar suas crenças religiosas, esses povos possuem elementos que os unem, como salienta Domingos (2015, p. 168) “a base cultural comum encontra o seu fundamento na tradução filosófica e religiosa que partilham quase todas as sociedades africanas pré-coloniais, pré-islâmicas, coloniais e pós-coloniais.”

Como o islã veja os não muçulmanos como “infieis”, portanto os muçulmanos acreditam que todos os praticantes de outras religiões devem converter ao islã, sobretudo os que praticam religiões tradicionais, mas com exceção de judeus e cristões por estes fizeram parte das sucessões de religiões que antecedem o islã e também são detentores dos livros santos, como explica El Fasi e Hrbek



O islã faz uma nítida distinção entre os não muçulmanos que pertencem a um sistema religioso fundado sobre os livros revelados, ou seja, os *ahl al-kitāb* (pessoas do Livro), e os não muçulmanos considerados politeístas, idólatras ou adeptos da religião tradicional. Em conformidade com a doutrina das revelações sucessivas e da corrente dos profetas, os judeus e os cristãos, como detentores dos livros santos, não são obrigados a se converterem ao islã (El Fasi e Hrbek, 2011, pp. 56-57).

É importante compreender que a religião tradicional africana não tem sua representação por escrita, no livro, como, por exemplo, Islã (Corão) e Cristã (Bíblia), mas sim, tem a sua base na oralidade que é transmitida de geração para geração e conservada por essas gerações, melhor, pode-se dizer que de forma geral as civilizações africanas têm as suas bases na oralidade, mesmo com a existência de escrita em algumas partes como bem coloca Vansina (2010):

As civilizações africanas, no Saara e ao sul do deserto, eram em grande parte civilizações da palavra falada, mesmo onde existia a escrita; como na África ocidental a partir do século XVI, pois muito poucas pessoas sabiam escrever, ficando a escrita muitas vezes relegada a um plano secundário em relação às preocupações essenciais da sociedade (Vansina, 2010, p. 139).

Como os muçulmanos acreditam na existência de um único Deus (Allah), os africanos também acreditam que existem um ser supremo que é responsável pela toda a natureza, porém as formas de cultuar esse ser supremo que os difere e, que existe uma relação forte entre Deus, homem e a natureza manifestada na unicidade do mundo (Domingos, 2015).

A religiosidade africana tradicional é uma mistura de comportamentos organizadas que manifestam a identidade africana de diferentes formas, como ressalta Domingos (2015):

A religiosidade Africana tradicional é resultado de síntese ponderada de atitudes organizadas, variáveis com os modos de vida, provavelmente construídas ao longo do tempo segundo as contingências históricas presumivelmente perdidas e exprimem de modo diverso a identidade Africana. Não há termo, de forma explícita que possa esgotar o conteúdo e o sentimento religioso Africano. Entretanto, é um sistema de relações entre o mundo visível dos homens e o mundo invisível regido pelo Criador e as potências que, sob nomes diversos, e todos sendo manifestações deste Deus Único, e todos eles são especializados nas diferentes funções (Domingos, 2015, p. 169).

Contudo, a religião tradicional africana era aberta aos acréscimos de outras religiões estrangeiras introduzidas no continente no período pré-colonial: o islamismo e o cristianismo. (Opoku, 2010). Essa abertura às outras religiões se deve aos fatos de que os africanos acreditavam que Deus não é ciumento e que as sociedades não são estáticas.

[...] já que de geração em geração ocorriam mudanças, e cada uma delas acrescentava sua parte de experiência à herança religiosa e cultural. Não havia deus ciumento que proibisse a aceitação ou o acréscimo de novos deuses e novas crenças – e novos cultos e novos altares apareciam, enquanto outros

declinavam. Os deuses que tinham revelado poder possuíam altares por toda a parte, e era frequente que grupos étnicos vencidos adotassem os deuses dos adversários vitoriosos. E, como o movimento era a essência da vida, as mudanças eram consideradas normais, na medida em que não transgredissem os valores africanos (Opoku, 2010, p. 593).

De acordo com El Fasi e Hrbek (2011), todos os muçulmanos têm por dever, como ordena o profeta Maomé, propagar a verdade (fé islâmica) e converter os “infiéis” através de *da’wa*, palavra árabe que significa literalmente ‘chamado, incitação, convite.’ Ainda explicam o seguinte:

A obrigação de convidar os não muçulmanos a aceitarem o islã é mencionado em numerosos suratas do Corão: ‘Chame os homens pelo caminho do teu Senhor através da sabedoria e de uma bela exortação; discuta com eles com eles da melhor maneira.’ (XVI, 126) ou ainda: ‘Diga àqueles aos quais o Livro tenha sido oferecido e aos infiéis: ‘Estais vós submetidos a Deus?’ Caso eles estejam Submetidos a Deus, eles estão bem dirigidos; caso eles se desviem, tu estás somente encarregado de transmitir a mensagem profética.’ (III, 19) (EL Fasi e Hrbek, 2011, p. 69).

Por fim, com base nas literaturas usadas nessa sessão, dá para perceber que ambas as religiões cultuam Deus de diferentes maneiras, mas no fundo os praticantes dessas duas religiões acreditam na existência de um Deus único.

## **6.2 ISLÃ: CONTEXTUALIZAÇÃO, CHEGADA E EXPANSÃO EM ÁFRICA**

Segundo Manuel Rodrigues (1980), o Islã ou Islamismo surgiu na Península Arábia entre os anos 610 e 632 da nossa era. De acordo com Paul Balta (2016), Islã, Islame ou Islã é um nome masculino que significa em árabe “submissão a Deus”, pois preenche a lista de terceira religião monoteísta revelada depois do judaísmo e o cristianismo. Autor acrescenta ainda que, de acordo com “a tradição muçulmana, a palavra foi transmitida no idioma árabe pelo arcanjo Gabriel ao profeta Moamé (*Mohamad*, ‘o mais louvado’), nascido por volta do ano 570 de nossa era, Meca, no coração da Arábia Desértica, e falecido em 632 em Medina.” (Balta, 2016, s/p)

A revelação dessa religião está no Corão ou Alcorão, livro sagrado dos muçulmanos (seguidores da fé islâmica), no qual Deus, *Allah* em árabe, declara o seguinte: ‘Hoje eu aperfeiçoei vossa religião e vos revelei o Meu favor. Eu revelei para vós o Islã como vossa religião’ (Surata III, versículo 5) (BALTA, 2016, s/p).

O islã determina o cumprimento de cinco pilares fundamentais de fé aos seus seguidores. Mas, dentre esses pilares, quatro são obrigatórios e uma depende da condição do crente, a saber: primeiro (Shahāda) que significa afirmar que não existe outro Deus além de Allah e Maomé é o seu mensageiro; segundo (Salāt) o dever de rezar cinco vezes ao dia para

todos os muçulmanos; terceiro (Saum), jejum que os fiéis realizam no nono mês do ano lunar, ramadã que consiste em abdicar de todos os prazeres materiais como: alimentos, bebida, relações sexuais etc., desde aurora até o por do sol; quarto (zakât) esmola que todos os fiéis devem doar aos pobres e os necessitados uma parte dos seus bens, que pode variar entre uma porção de 2,5% e 10% e, quinto e último, (hadjdj) a peregrinação anual à Meca, obrigatório para os muçulmanos com condições de saúde sã e que a ida não comprometeria bem estar de suas famílias nesse período, caso contrário não é obrigatório. (El Fasi e Hrbek, 2011)

A primeira parte do continente africano que o islã chegou, foi no Egito, no século VII, que era uma província bizantina, pois esta chegada foi marcada pela invasão árabe à essa região do continente e, conseqüentemente, a sua conquista que foi rápida porque os povos coptas não apresentavam resistências devido os tratos que recebiam por parte dos bizantinos e acreditavam os árabes vieram para lhes salvar da repressão bizantina.

O Egito – então província bizantina – foi a primeira região da África invadida pelos árabes. A conquista foi rápida, pois as guarnições bizantinas eram pouco numerosas e a população copta não opôs nenhuma resistência, apresentando ao contrário uma boa acolhida àqueles que vinham libertá-la do jugo bizantino<sup>1</sup>. Com efeito, além da taxaço muito pesada e de outras formas de exploração às quais eles estavam submetidos, os coptas eram perseguidos pela igreja ortodoxa oficial bizantina em razão do seu monofisismo. Essas perseguições agravaram-se, às vésperas da conquista árabe, com medidas repressivas dirigidas contra a cultura e o clero coptas (El Fasi, 2011, p. 73).

De acordo com Hrbek (2011), nos meados dos séculos I/VII e X/XVI o islão enraizou-se em grande parte da África, pois difundiu-se analogamente e linearmente, pois os métodos, meios e agentes variavam tendo em conta as zonas.

Nesse sentido, de modo geral, pode-se dizer que a expansão do islamismo na “África Negra”, “teve condições favoráveis para a sua progressão pois em numerosos aspectos é facilmente compatível com as religiões tradicionais e com os costumes sociais africanos.” (Garcia, 2005, p. 66)

Ademais, no caso do Sahara, o islão chegou através de comerciantes árabes e berberes que circulavam nesse território para fazer trocas de seus bens por ouros e escravizados, portanto, as conversões foram marcadas por esses contatos. Explica Silva (sd, p. 21)

No Sahara as conversões acompanham as rotas comerciais que desciam o deserto para trocar os tecidos e itens de luxo por ouro, escravos e âmbar. Estes contatos entre alguns mercadores árabes, berberes neófitos muçulmanos do norte magrebino e os berberes *lamtuna*, *mussufa* e *djuddala* da porção oeste do deserto do Sahara certamente provocaram conversões (Silva, S/D, p. 21).

Tendo em conta a natureza deste trabalho não vamos conseguir dar conta de falar da expansão islâmica no continente africano, pois é imensa. Nesse sentido, vamos focalizar mais na sua expansão na África Ocidental, sendo que nessa região é que fica situada a Guiné-Bissau.

Entretanto, de acordo com El Fasi e Hrbek (2011), a expansão islâmica nessa região da África foi assegurada mais por questões comerciais entre os árabes comerciantes vindos da zona leste de Arábia e os autóctones, todavia, mais tarde, esse processo foi assegurado pelos próprios africanos islamizados de diferentes grupos étnicos como: soninquês, malinke, fulbes, etc.. Conforme explicam El Fasi e Hrbek (2011):

As atividades comerciais dos muçulmanos, ou seja, primeiramente as trocas comerciais com os países longínquos, em seguida na própria região, favoreceram a islamização em boa parte da África tropical. Os primeiros agentes do islã foram mercadores de origem árabe (provenientes sobretudo da Arábia, a Leste), persa (na mesma região) e berbere (no Oeste). A partir do século V/XI, a ação foi assegurada por africanos convertidos (soninquês, malinke, fulbes, Kânembu, haussa etc.) (El Fasi e Hrbek, 2011, p. 111).

Nessa questão de asseguramento de difusão do islã pelos próprios africanos, sobretudo pelos fulbes ou fulas e malinké ou mandinga, de certa forma, estes dois grupos étnicos contribuíram muito “na difusão do islã na África Ocidental entre o final do século XVIII e início do século XIX”. (Mula Cá Júnior, 2021, p. 8). Ainda o autor mostra que, historicamente esses dois grupos étnicos tinham influências políticas-econômicas nas zonas que hoje são conhecidos como países de: Mali, Senegal, Gâmbia, Guiné-Conacri e Guiné-Bissau. (Mula Cá Júnior, idem); Com exceção de Mali, segundo Mula Cá Júnior (2021), os outros quatro países citados acima, formaram a aristocracia do kaabu.

Ainda de acordo com Mulas Cá Júnior (2021) Kaabu

Aparece referido em fontes guineenses e português como Ngabou ou como “Império do Gabu”. Foi um estado africano organizado por lideranças de origem mandinga não islamizadas, cuja influencia política se estendia das atuais Guiné-Bissau e Guiné-Conacri até a Gâmbia e Casamance. Embora não dispusesse de organismos administrativos ou de um aparelho centralizado de governo, funcionava como uma confederação de povos de língua senegalo-guineense, mandinga e fula, congregando indivíduos de origem uolof, sererê, diula, bainuk, balanta, bijagó, papel e biafada, entre outros. Originalmente era parte do antigo Mali, estando até o início do século XVI sob autoridade dos mansas. (Mulas Cá Júnior, pp. 19-20)

Percebe-se que essa confederação de diversos povos estava sob comando de uma parte de um grupo étnico não muçulmanos, mas passado algum tempo, essa confederação foi

recebendo influência de povos fulas a partir do século XVIII, que, conseqüentemente, marcou o início da queda dessa organização:

Gradualmente influenciado pelos povos fulani a partir do século XVIII, o kaabu passou enfraquecer, resistindo a diversos ataques das lideranças muçulmanas que lhe moviam uma *jihad* (dar o seu esforço para o islã, numa etimologia árabe) a partir do Futa DJALON Sua capital foi situada e atacada pelas tropas lideradas por Alfa Molo, até ser conquistada e ocupada em 1867. (Mulas Cá Júnior, 2021, p. 20)

Perante essa afirmação, percebe-se que o Kaabu não era território dos praticantes de fé islâmica, ou melhor, controlados pelas lideranças muçulmanas, mas isso só veio a acontecer após invasão que sofreu por parte das lideranças fulas muçulmanas que vieram de outra região e roubaram essa região por via de força e, conseqüentemente, implementaram islã.

No entanto, Mulas Cá Júnior mostra que a islamização na África Ocidental, sobretudo no kaabu, no qual atual Guiné-Bissau faz parte, é assegurado pelos reformistas fulas oriundos de diversas partes do continente africano nos meados do século XVII, contudo, não significa que os mandingas dessa região desconheciam islã antes da chegada desses reformistas. (Mulas Cá Júnior, 2021)

Como atual Guiné-Bissau era parte da confederação de kaabu, pode-se supor que a expansão do islã nessa região foi através da conquista dos fulas reformistas que conquistaram o território kaabu, mas existe fonte que confirma a presença do islã na atual Guiné-Bissau, mas sem muita força, pois essa presença era dos mandingas que estavam nesse território nos séculos XII à XV e praticavam religião tradicional africana, além de ter um número menor dos convertidos ao islã antes da chegada dos fulas.

os primeiros Mandingas que se estabeleceram nos territórios da atual Guiné-Bissau no século XII à XV, tinham seus próprios cultos religiosos que praticavam nos bosques sagrados, venerando os Djins (divindades). Somente alguns chefes que haviam se convertido ao islão. Esses Mandingas ocupavam as terras que vão do rio Gâmbia, rio Corubal até Futa-Djalón, atual Guiné-Conakry. Alguns anos depois, todas essas terras vêm sendo controladas pelos Fulas<sup>2</sup> (Candé, 2019, p. 12-13)

De acordo com Garcia (2005, p.68): a expansão islâmica na Guiné-Bissau é fruto de “ações desenvolvidas pelos grupos etno-linguísticos islamizados, face aos grupos adeptos das religiões tradicionais”.

Na atual Guiné-Bissau, como já mencionamos na apresentação deste trabalho, os adeptos do islamismo são as etnias fulas e mandingas que concentram o maior número de muçulmanos, seguidos pelos biafadas, todavia, isto não quer dizer que todos os membros destas etnias são muçulmanos. Mas sim, são as principais etnias islamizadas na Guiné-Bissau.

É importante ressaltar de que não pretendemos detalhar o processo de islamização dos fulas e mandingas ou de outras etnias islamizadas na Guiné-Bissau, além da etnia biafada, que é o foco do nosso trabalho. Na próxima sessão vamos falar da islamização dos biafadas e de sua organização sociopolítica.

### 6.3 BIAFADAS: ISLAMIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO SOCIOPOLÍTICA

É óbvio que os Biafadas não são a única etnia que foi islamizada na Guiné-Bissau, mas nesta sessão vamos focar somente na sua islamização devido à natureza deste trabalho.

Segundo Manuel Bivar (2011), a islamização dos biafadas se deu no século XIX com a penetração do islã nos territórios cabuncas, sobretudo na atual guiné-bissau, através do contato entre os biafadas e os mandingas muçulmanos de Gã-Camará que vieram de Mandem, do Mali, e entraram pela fronteira de Guiné-Conakri para Guiné-Bissau com propósito de expandir a fé islâmica e construir as suas casas juntamente com pastagens dos gados numa “aldeia biafada” chamada de Catabina. (Bivar, 2011, p. 80)

Como os Biafadas eram consumidores de vinhos, um homem membro da família Gã-Camará de nome Man Sanha lhes ofereceu duas amarraduras de vinho de milho para fizeram vinho em troca de terreno para aumento de espaço de pastagem dos gados. Contudo, passado um tempo os biafadas começaram a incomodar por, alegadamente, dois motivos: primeiro, com o chamamento às orações de madrugada que essa família habituava a fazer por serem muçulmanos, alegando que fazia barulho que os impediam de dormir e, segundo, porque as vacas dessa família estragavam os seus milhos. Assim, a família Gã-Camará passou para Fulacunda, lugar favorável para expandir islã. (Bivar, 2011, p. 80)

Assim, o processo de islamização se estendeu para as demais aldeias de Quinara, considerado “chão dos biafadas”, com liderança de Mamadu Djola, grande guerreiro que os grandes de aldeia de Belha pediram para ajudar “contra os ataques futa-fula na segunda metade do século XIX.” (Bivar, 2011, p. 82) mas vinho era consumido nessa aldeia o que Mamadu não gostou porque ele é muçulmano.

Mamadu ficou em Belha, e porque era alguém que conhecia os segredos dos fulas, porque Mamadu era esperto e porque tinha cabeça, porque era alguém corajoso e com treino de guerra, os grandes de Belha chamaram Mamadu – que lhe queriam entregar a terra, a chefia dos rapazes, para que os fulas não entrassem Cubisseco. (Bivar, 2011, p. 83)

Ademais, como o Mamadu é muçulmano e, portanto, colocou duas condições para assumir liderança dos rapazes de aldeia e guerrear contra os fulas. Eis as condições: abstenção total de vinho e começar oração, pois os grandes aceitaram os pedidos dele. (Bivar, 2011)

Após o Mamadu ter pedidos aceites começou a ler e ensinar o Corão e, ao mesmo tempo, islamizando os seus rapazes. Contudo, nem todos queriam se converter ao islã, porém, como tinha força, começou a islamizar pela força e, assim, criando inimigos que resistiam contra ele nas aldeias que passavam, terminando vencedor.

Então, Mamadu, antes de partir em campanhas, lia e ensinava a ler o Corão, e um a um os seus rapazes foram sendo convertidos. E agora que Mamadu tinha força, agora que tinha um grupo grande, queria islamizar pela força. Via alguém a subir a uma palmeira em busca de vinho e fogueava-o: “Se sobe às palmeiras como um macaco, também pode ser morto como um macaco!”. E assim Mamadu foi convertendo os beafadas, mas não eram todos que queriam ser convertidos. Cantora, tabanca de Seni Cantora, o homem a quem as balas não entravam no corpo, fez frente a Mamadu Djola. Mamadu ganhou Seni com um boi com veneno deixado no mato. Mas Séni mudou para Caur Sambuíára – e foram 11 anos de guerra. Sambuíára é poilão grade! Mas Mamadu Djola derrotou Séni. (Bivar, 2011, p. 84)

Entretanto, para impedir a islamização pela via de força que o Mamadu estava fazendo, os beafadas prepararam o seu irmão mais novo, chamado Bacar Indjai, para matar o Mamadu, porque ele queria lhes islamizar. Então, o Bacar atirou nele com a bala de cobre, portanto, única que pode lhe entrar porque tinha proteção sobrenatural no seu corpo, mas não morreu também não sobrevivia por muito tempo. (Bivar, 2011)

É importante salientar que a islamização deste grupo étnico tem de pacífico assim como de violento, dependendo dos métodos e das etnias envolvidas.

De acordo com Nóbrega (2003), os beafadas foram derrotados pelos fulas, e conseqüentemente, fulanizados, porém, havia um grupo dos beafadas que resistiam fortemente contra os fulas e todos os estranhos de modo geral. É de ressaltar que o islã fez com que os beafadas se dividirem em dois grupos: os que converterem ao islã e os que até hoje mantem as práticas religiosa tradicional, cultuando *irã*, Ninki Nanka, espíritos ancestrais.

Os beafadas tinham um sistema de organização social baseado no regulado, mas após perderam guerra contra os fulas e, conseqüentemente, perderam uma parte significativa do seu território que acabaram por ficar “reduzidos aos territórios de Fulacunda, Buba e Empada e toda a sua organização social tradicional foi fortemente desarticulada, designadamente todo o sistema de regulados.” (Nóbrega, 2003, p. 108)

No que diz respeito a sua organização político e social, eles tinham “um sistema político baseado nos régulos e chefes de povoação, com uma organização social clânica, uma religião

assente no culto dos *irãs* e o mesmo tipo de exploração económica agrária.” (Nóbrega, 2003, p.107)

A forma de subsistência económica desse grupo étnico baseia-se na agricultura, sobretudo no cultivo de arroz, que provavelmente veio da influência dos Balantas

Percebe-se que o processo de islamização mencionado aqui foi eficaz de modo que transformou quase todas as estruturas sociais dos beafadas, porém o culto aos irãs (espíritos ancestrais) continua a ganhar espaço até hoje. E, no final, os beafadas acabaram por adotar “a organização social própria dos islamizados, aparecendo organizados em povoações concentradas e sendo conduzidos politicamente pelos seus chefes de povoação e pelos dignitários religiosos islâmicos” (Nóbrega, 2003, p.109).

## 7. METODOLOGIA

Para desenvolvimento deste projeto de pesquisa, utilizaremos o método qualitativo, por ser mais adequado em pesquisas nas ciências sociais, de caráter descritiva e analítica que irá nos possibilitar mais leituras e compreensão desse fenômeno social em questão.

Na primeira fase da pesquisa, será realizada a pesquisa bibliográfica com base nas revisões das literaturas, onde procuraremos trabalhar com os livros, textos, artigos, relatórios, teses, entre outros tipos de documentos que dialogam com a nossa temática. Segundo Gil (2021, p.28)) a pesquisa bibliográfica

é elaborada com base em material já publicado. Tradicionalmente, esta modalidade de pesquisa inclui material impresso, como livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos. Todavia, em virtude da disseminação de novos formatos de informação, estas pesquisas passaram a incluir outros tipos de fontes, como discos, fitas magnéticas, CDs, bem como o material disponibilizado pela Internet (Gil, 2021, p. 28).

Em seguida, pretendemos realizar uma pesquisa etnográfica, método específico de Antropologia, porém, é utilizado também em outras áreas de ciências para coletar dados. De acordo com Rocha e Eckert (2008), a pesquisa de campo consiste em estudar o outro como alteridade para o conhecer. (Rocha e Eckert, 2008, s/p)

Ainda as mesmas autoras sustentam que o método etnográfico “é composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do (a) pesquisador (a) junto ao grupo social a ser estudado.” (Rocha e Eckert, 2008, s/p)

Nesse sentido, pretendemos ir para a Guiné-Bissau para realizar essa pesquisa especificamente na região de Quinara, na zona Sul do país, região está considerada como chão



dos biafadas segundo história e para alguns autores. Iremos investir o tempo necessário e dentro de prazo para poder buscar as informações que poderiam nos ajudar a alcançar os objetivos gerais, assim como específicos deste nosso projeto de pesquisa.

Como forma de obter informações, iremos utilizar perguntas semiestruturadas (oral/escrita), entrevistas com pelo menos 10 chefes de tabancas, 5 imames (chefes religiosos muçulmanos), 10 homens velhos, por estes serem memórias vivas da história dos seus ancestrais e que guardam os ensinamentos transmitidos por eles e transmitem a mesma para a gerações mais novas oralmente. Conforme explica Ampatê Bâ (2010) na tradição africana o conhecimento é transmitido de oralmente de boca a boca, de mestre para discípulo.

## REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampaté. **A tradição viva**. In: História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

BALTA, Paul. **Islã: uma breve introdução**. Tradução William Lagos. - Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.

BIVAR, Manuel. **Os chãos dos biafadas: memória território em Quinara, sul da Guiné-Bissau**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

CANDÉ, Iero. **Expansão Islâmica na Guiné-Bissau Entre 1860 A 1890, 1974 A 2010**. 2019. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) – Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2019. Disponível em: [https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1441/1/2019\\_proj\\_ierocande.pdf](https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1441/1/2019_proj_ierocande.pdf). Acesso em: 30 jun. 2023

Caomique, Policarpo Gomes. **Estado e poder tradicional na Guiné-Bissau: uma análise da (re) inserção dos líderes tradicionais de Caió no cenário político e administrativo (1991-2020)**. Dissertação de mestrado, POSAFRO-UFBA. 2022. 112 p.

**CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DA GUINÉ-BISSAU**, 1996. Disponível em:

DOMINGOS, Luís Tomás. **A complexidade da dimensão religiosa da medicina Africana tradicional**. Mneme – revista de humanidades, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7108> Acesso: 05 jan 2023.

DRAMANI-ISSIFOU, Zakari. **O Islã como sistema social na África, desde o século VII**. In: História Geral da África, III: África do século VII ao XI / editor Mohammed El Fasi; editor assistente I. Hrbek; [tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos]. – 2.ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. (Coleção história geral da África; vol. 3)

ECKERT, C. e ROCHA, Ana L. (2008) **Etnografia. Saberes e Práticas**. In: Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. (Org.). Ciências Humanas: pesquisa e método. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008, p. 9 a 24. Série Graduação. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/9301>

EL FASI, Mohammed e HRBEK, Ivan. **Etapas do desenvolvimento do Islã e da sua difusão na África.** *In:* História Geral da África, III: África do século VII ao XI / editor Mohammed El Fasi; editor assistente I. Hrbek; [tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos]. – 2.ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. (Coleção história geral da África; vol. 3)

EL FASI, Mohammed e HRBEK, Ivan. **O advento do Islã e a ascensão do Império Muçulmano.** *In:* História Geral da África, III: África do século VII ao XI / editor Mohammed El Fasi; editor assistente I. Hrbek; [tradução MEC – Centro de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade Federal de São Carlos]. – 2.ed. – São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011. (Coleção história geral da África; vol. 3)

GARCIA, Francisco Proença. O Islã na África Subsariana. Guiné-Bissau e Moçambique, uma análise comparativa. 2005. Disponível em:

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas** / Antonio Carlos Gil. -6. ed. – [5. Reimpr.]. - São Paulo: Atlas, 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (INE), Guiné-Bissau. **Recenseamento geral da população e habitação.** Bissau: INE, 2009.

Mazrui, A. Ali. **The Africans: A Triple Heritage.** Editora Little Brown & Co. 1986.

MENDES, Leurana Lopes. **O Poder Religioso na Resolução dos Conflitos Políticos na Guiné-Bissau (1998 – 2020).** Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) – Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Acarape, 2021. Disponível em: <https://www.repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/2783> Acesso: 30 jan 2023

MULA CÁ JÚNIOR, Domingos. **A Islamização na África Ocidental: o caso dos mandingas e fulas na Guiné-Bissau (Séculos XVIII – XIX).** 2021. 100 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, BR-RS, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231651> Acesso: 30 jan 2023

NÓBREGA, Álvaro. **A luta pelo poder na Guiné-Bissau.** Lisboa: ed. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, março de 2003.

OPOKU, Kofi Asare. **A religião na África durante a época colonial.** *In:* História Geral da África, VII: África sob dominação colonial, 1880-1935 / editado por Albert Adu Boahen. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

RODRIGUES, Manuel. **O MUNDO ÁRABE E ISLÂMICO.** Lisboa: Instituto de Defesa Nacional, 1980.

SILVA, Rafael Vêras de Moraes e. **O Islã na África do Nor-te e Ocidental: Recepção e Reinvenção** (Séc. VII-XIV). Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernosdehistoriaufpe/article/view/110084/22007> Acesso: 30 Jun 2023

VANSINA, John. **A tradição oral e sua metodologia.** *In:* História Geral da África, I: Metodologia e pré-história da África / editado por Joseph Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010.

